

## A RELAÇÃO JUVENTUDE E TRABALHO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A EVASÃO ESCOLAR

Ariane Malheiro da Silva <sup>1</sup>

Maria Daniele de Oliveira Silva <sup>2</sup>

Viviane Maria da Silva Rito <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo trata da relação entre juventude e trabalho e suas implicações para a evasão escolar. Para compreender essas implicações realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico, utilizamos as obras de Deslandes et al. (2007), Gil (2002) para a metodologia, Dayrell (2003), Freitas (2005), Raimundo (2014), Quiroga (2003), e Unesco (1990) para a categoria juventude, Albornoz (2004), Corrochano (2014), Fisher (2007), Neves (2018) e Sousa e Alberto (2008) para categoria trabalho. Faleiros (2008) Melsert e Bock (2015) e Sousa et al. (2011) para categoria Evasão escolar. Identificamos os tipos de juventude, discutimos sobre os desafios e consequências da inserção precoce do jovem no trabalho e explanamos sobre as implicações da relação entre juventude e trabalho para a evasão escolar. Obtivemos como resultado que a relação juventude e trabalho implica na evasão escolar ao passo que os sujeitos das classes baixas dispõem de poucos subsídios para viver de forma plena, e na tentativa de mudar sua realidade abandonam os estudos para ingressar precocemente no mercado de trabalho, há também a falta de interesse por um ensino precário sem motivação, e podem optar por se evadirem da escola pelo cansaço da rotina de trabalho e estudo e conflitos familiares.

**Palavras-chaves:** Juventude. Trabalho. Evasão Escolar.

### INTRODUÇÃO

A evasão escolar é um problema muito presente nas escolas públicas brasileiras e é causada por diversos fatores que envolvem o aluno, a renda, a família e a escola. A desigualdade de renda é um dos principais fatores da entrada precoce dos jovens no mercado de trabalho, há diferentes realidades, a dos jovens que largam a escola para focar apenas no trabalho, outros que trabalham e estudam mesmo sendo constantemente afetados pelo cansaço

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE  
[malheiro.ariane19@gmail.com](mailto:malheiro.ariane19@gmail.com) <sup>2</sup>

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco -UFPE  
[daniele.oliveirasilva@ufpe.br](mailto:daniele.oliveirasilva@ufpe.br) <sup>3</sup>

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE  
[vivianemsrito@gmail.com](mailto:vivianemsrito@gmail.com)

que é exercer essas duas atividades e ainda o caso dos jovens que ajudam nas atividades de casa. Enquanto os jovens ricos tendem a ter uma entrada tardia no mercado de trabalho, os jovens de baixa renda buscam cada vez mais cedo um emprego. Diante disto nossa questão problema é: De que modo a relação entre juventude e trabalho implica na evasão escolar?

Trata-se de uma temática importante pois é um problema muito presente nas sociedades estratificadas e comum nas escolas públicas brasileiras. Os jovens de baixa renda não têm acesso a lazer e para se sentirem incluídos nos grupos sociais procuram emprego mesmo que este tenha condições precárias.

Desta forma, neste artigo temos o objetivo geral de compreender como a relação entre juventude e trabalho implica na evasão escolar. Para realizar tal objetivo utilizamos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar os diferentes tipos de juventude.
2. Discutir sobre os desafios e consequências da inserção precoce do jovem no trabalho.
3. Explanar as implicações da relação juventude e trabalho para a evasão escolar

## **METODOLOGIA**

No presente artigo utilizamos a abordagem qualitativa e a pesquisa bibliográfica. A pesquisa é uma atividade essencial para o ensino, para pesquisar é necessário partir de um problema da realidade social. Utilizamos a pesquisa de abordagem qualitativa por tratar dos fenômenos da realidade que não podem ser quantificados, esse tipo de abordagem considera os valores e atitudes e preza pelos significados. Tal como informa Deslandes et al. (2007) sobre a pesquisa qualitativa:

Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, valores e das atitudes. (DESLANDES et al., 2007, p. 21)

Para (GIL, 2002, p. 44) a “ pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado”. Neste trabalho utilizamos materiais já elaborados que proporcionaram uma ampla coleta de dados sobre a juventude, trabalho e os contrastes sociais.

Dentre os autores que utilizamos neste artigo estão: Deslandes et al. (2007) e Gil

(2002) para a metodologia. Para a categoria juventude utilizamos Dayrell (2003), Freitas (2005), Raimundo (2014), Quiroga (2003), e Unesco (1990). Para discutir a categoria trabalho utilizamos Albornoz (2004), Corrochano (2014), Fischer (2007), Neves (2018) e Sousa e Alberto (2008). E para a categoria Evasão escolar utilizamos Faleiros (2008), Melsert e Bock (2015) e Sousa et al. (2011).

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 1. Conceito de Juventude

O olhar direcionado a juventude como categoria delimitada por uma faixa etária tem sido cada vez mais deixado para trás, pela percepção de juventude como construção social e histórica. Segundo a UNESCO (2004) a juventude é muito mais que uma associação de idades, “compreende outros fatores, relacionados a intensas transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, dentre outros determinantes”. Diante disso, é perceptível a juventude como fenômeno de mudanças e diversidades de acordo com as influencias sociais. Conforme apontamentos de Dayrell (2003):

Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. (Dayrell, 2003, p. 42)

Sobre esse viés, o autor refere-se a juventude num contexto de sujeito social, que está inserido nas relações sociais, constituintes da sua história e singularidade, que não pode ser vista apenas pela passagem de uma faixa etária, mas pela importância que essa transição tem. Seguindo outra concepção de juventude enquanto pluralidade, Quiroga (2005) situa:

Trata-se de uma complexa condição social, que influencia e é influenciada pelas diferentes culturas e possui uma condição dinâmica e mutável ao longo do tempo, de acordo com as transformações da sociedade. Não se pode, portanto, falar de uma juventude universal, visto que não consiste de um fenômeno que está posto em qualquer lugar e tempo, sem implicações sociais. (QUIROGA, 2005)

Consoante a esta abordagem, vale destacar a juventude como categoria de diversidade conforme as implicações sociais, esta se forma e se relaciona mediante ao contato com a sociedade. Mas nem sempre os jovens tiveram destaque dentro do meio social. Seguindo esse pensamento, (DAYRELL, 2003, p. 40) destaca que “uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um

“vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”. E essa dimensão de ser incompleto, de tornar-se perpassa pelo processo de mudança vivenciado pelos jovens. Já Freitas (2005) afirma o seguinte sobre juventude:

O termo juventude, assim como os jovens com mais de 18 anos, ficaram por muito tempo fora do escopo da tematização social; até meados dos anos 90, quando uma nova emergência do tema se produz, principalmente centrada na preocupação social com os problemas vividos ou representados pelos jovens. (FREITAS, 2005, p. 8)

Mediante aos fatos históricos, a juventude passou a ter uma atenção maior quando foi vista como emergência, em relação as dificuldades da inserção ao mercado de trabalho, que por muitas vezes causam exclusão dos mesmos que tendem a seguir outros caminhos por falta de perspectiva. O desenvolvimento da globalização provocou uma onda de movimentos juvenis, com o objetivo de fazer crítica a uma sociedade que excluía os jovens, como o movimento hippie ocorrido em 1960, onde os jovens iam em contraposição aos ideais morais tradicionais e idealizavam a “paz e amor” que não tinha no sistema que estavam inseridos.

Há também um pensamento de crise na juventude, esta crise não é característica da juventude, mas na passagem para o início a vida adulta, pela percepção de uma vida cheia de novas responsabilidades, nesta transição que ocorre e é impactante a esses jovens, por meio da realidade de estruturar um novo projeto de vida tão cobrado pela sociedade. E muitas vezes essa crise é imposta e retratada em mídias, estereotipando o jovem como em constante conflito.

## **2. O Trabalho**

Falar sobre trabalho é abordar um tema bastante amplo, a respeito das atividades que são produzidas em nossa sociedade desde os primórdios. O trabalho geralmente atende diversas atividades; as remuneradas ou não, as voluntárias, o trabalho é realizado de acordo com um determinado fim. Segundo (NEVES et al. 2018 p. 319) “O trabalho humano é uma atividade complexa, multifacetada, polissêmica, que não apenas permite, mas exige diferentes olhares para sua compreensão.” Sendo assim uma complexidade e atividade essencial humana, o ser humano consegue projetar em sua mente o que objetiva antes de realizar, agindo, desse modo, com intencionalidade.

Segundo (ALBORNOZ, 2004, p. 12) o “que distingue o trabalho humano ao dos outros animais é que neste há consciência e intencionalidade enquanto os animais trabalham por instinto, programados, sem consciência.” Dessa forma, podemos dizer que o trabalho é algo

produzido para se alcançar algum fim, sendo uma atividade consciente do sujeito a qual está submetido. A autora ainda destaca que:

O trabalho do homem aparece cada vez mais nítido quanto mais clara for a intenção e a direção do seu esforço. Trabalho neste sentido possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, para a realização de objetivos; onde até mesmo o objetivo realizado, a obra, passa a ser chamado de trabalho. (ALBORNOZ, 2004, p. 11-12).

Muitos estão incluídos nas atividades de trabalho, inclusive os jovens, que mesmo em idade escolar, um período em que se deveria ter o foco total apenas nos estudos, acabam buscando o trabalho por diversos motivos; alguns buscam ter um dinheiro extra para “ostentar” entre os amigos, outros, em situações menos favoráveis, trabalham por necessidade de ajudar a família.

Como explica (CARROCHANO 2014, p. 208) que no “modo de produção capitalista, o trabalho assumiu uma forma muito específica: o trabalho assalariado. Assim, não é por acaso que, quando se trata de definir o trabalho, a associação mais comum é com uma atividade realizada em troca de uma remuneração.” isso faz com que cada vez mais jovens se submetam a um trabalho em condições precárias e, muitas vezes, sem acesso a direitos trabalhistas, pois necessitam do salário e são tentados a acreditar que a remuneração é melhor que o desemprego.

É importante destacar que além do fator de renda há vários aspectos que determinam a entrada cedo no mercado de trabalho.

Embora a necessidade de renda seja um fator bastante relevante para que muitos comecem a trabalhar antes da conclusão da escola média, outros aspectos também devem ser considerados, tais como: a conotação moral do trabalho, a conjuntura do mercado de trabalho, o sexo (as chances de ser pressionado a trabalhar é maior entre rapazes), a escolaridade dos pais, a ordem de nascimento na família, a quantidade de irmãos, o tipo de configuração familiar, a região de moradia, a experiência, dentre outros. (CORROCHANO, 2014, p. 214)

Como dito ao início não podemos tomar um caso como único, pois se tratando de várias realidades sociais é impossível termos um padrão de como e quando o trabalho ocorre entre os jovens. Assim procuramos trabalhar neste artigo como acontece o trabalho na juventude e quais são as consequências e implicações para a evasão escolar.

### **3. Evasão Escolar**

A evasão escolar é causada por diversos fatores e acaba sendo naturalizada pela sociedade, muitos jovens se evadem da escola por conflitos familiares, baixa renda, desinteresse e o fracasso escolar é visto como somente culpa do jovem e não das metodologias

que estão sendo aplicadas na escola. Para (SOUSA et al., 2011, p. 26) é “válido dizer que a evasão escolar está relacionada não apenas à escola, mas também à família, às políticas de governo e ao próprio aluno.” Desse modo, há causas amplas para esse problema.

Em uma sociedade estratificada como a brasileira há poucas oportunidades de lazer para os jovens de baixa renda, outros precisam de um emprego pois vivem em condições precárias e tomam a atitude de auxiliar a família deixando os estudos de lado.

Segundo Sousa et al. (2011):

Essa situação é vinculada a muitos obstáculos, considerados, na maioria das vezes, intransponíveis para milhares de jovens que se afastam da escola e não concluem a educação básica. Dentre tais óbices, destacamos a necessidade de trabalhar para ajudar a família, também, para seu próprio sustento; o ingresso na criminalidade e na violência; o convívio familiar conflituoso; a má qualidade do ensino

[...]” (SOUSA et al. 2011, p. 26)

Mediante a essas situações os jovens não encontram sentido em continuar a na escola enquanto poderiam estar ganhando dinheiro, mesmo que o emprego seja precarizado. Considerando os contrastes sociais do Brasil, Melsert e Bock (2015) realizaram um estudo sobre a subjetividade da desigualdade social, foram entrevistados jovens ricos e jovens pobres no objetivo de conhecer seus projetos de futuro e também foi analisado o significado de trabalho. Os jovens mais pobres dão ênfase para o esforço como solução para superar a pobreza. Tal como destacam as autoras:

O esforço pessoal é significado, enfaticamente, pelos nossos jovens pobres como meio para superar a pobreza e suas difíceis condições de vida. Aparece na forma de um esforço do próprio indivíduo pobre que diferentemente dos ricos, não pode contar com sua família para garantir sua boa colocação social e profissional. (MELSERT E BOCK, 2015, p. 779)

A ideia de esforço para se chegar ao sucesso é presente culturalmente na mente das pessoas, as classes dominantes utilizam esse pensamento ao seu favor para continuar com poder. Com o convencimento da população a estratificação social e a desigualdade causada pelo sistema capitalista é naturalizada. É possível identificar esse fato no estudo de Melsert e Bock (2015):

Nossos sujeitos da camada rica percebem, enfim, que a realidade deles é bastante distinta daquela dos jovens pobres e também percebem que seus futuros serão distintos. Entretanto, também por esse grupo a desigualdade social é naturalizada: não é criticada e nem pensada em sua produção histórica e social. Há ricos e há pobres e ponto.

(MELSERT E BOCK, 2015, p. 781)

Melsert e Bock (2015) ressaltam que a ideologia liberal naturaliza o esforço pessoal, trazendo a concepção de mérito como justificativa para as desigualdades sociais. Para (MELSERT E BOCK, 2015, p. 785) a “ideologia liberal oculta a produção social dos fenômenos, oferecendo aos sujeitos justificativas para as desigualdades sociais a partir de uma lógica meritocrática e individualista.

Partindo disso, é importante considerar os diferentes contextos em que estão inseridos os jovens brasileiros e os fatores que os fazem entrar precocemente no mercado de trabalho e abandonar a escola.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Retomando a problemática que deu início à pesquisa: De que modo a relação entre juventude e trabalho implica na evasão escolar? Temos a dizer o seguinte sobre o objetivo I: Identificar os diferentes tipos de juventude, destaca-se nesse contexto: a juventude negra que enfrenta os desafios do preconceito enraizado na sociedade brasileira, desde a escravidão no século XVI. Segundo Raimundo (2014) “o fim da escravidão não garantiu aos negros o acesso às riquezas sociais, ao contrário, um histórico de lutas e de reivindicações sociais marca a história do negro no Brasil.” ainda segundo esse autor:

No atual contexto brasileiro, a juventude negra tem sido vista como um dos segmentos mais suscetíveis às expressões da violência, por ser mais pobre e morar em áreas segregadas, onde a segurança é negligenciada por parte dos poderes públicos. (RAIMUNDO, 2014, p. 132)

Nesse contexto, o negro sofre até hoje com esse preconceito no Brasil, onde os que deveriam protegê-lo, através da segurança pública, são os que discriminam e reprimem por relacionar o negro com a criminalidade.

Há também os jovens pobres que tem suas transições precoces, seja pela condição da família, seja pela iniciação as responsabilidades do mercado de trabalho numa perspectiva profissional, sobre um viés econômico e moral, esse tipo de juventude se insere numa categoria adulta mais cedo.

Ainda sobre essa perspectiva da juventude pobre no contexto de precocidade como estado e condição dos jovens:

A imagem de adulto que eles constroem é muito negativa. Ser adulto é ser obrigado a trabalhar para sustentar a família, ganhar pouco, na lógica do trabalho subalterno. Mas é também assumir uma postura “séria”, diminuindo os espaços e tempos de encontro, com uma moral baseada em valores mais rígidos, abrindo mão da festa, da alegria e das emoções que vivenciam no estilo. Para muitos, ser adulto implica ter de

abrir mão do estilo, fazendo dessa passagem um momento de dúvidas e angústias, vivida sempre como tensão. Não que recusem ou neguem essa passagem, mas a vivenciam como uma crise. (DAYRELL, 2003, p. 50)

A partir dessas concepções, encarar um novo modo de vida, na maioria das vezes é árduo e faz parte da sobrevivência social principalmente no que diz respeito a juventude que sofre pelas desigualdades do sistema capitalista, onde as oportunidades podem não chegar para grande parte dos jovens em situação de pobreza.

Ademais, a juventude de classe alta conta com mais oportunidades para se desenvolver profissionalmente, não é preciso tanto esforço pessoal como é sugerido à juventude pobre. Melsert e Bock (2015, p.a783) realizaram um estudo com os projetos de futuro de jovens ricos e pobres para relacionar ambas visões e observar as desigualdades sociais, as autoras perceberam que: “Os jovens ricos trazem pouquíssimas respostas sobre a presença do esforço pessoal nos seus futuros – quando aparece, é direcionado ao sucesso de seus empreendimentos profissionais.”

O esforço muitas vezes é romantizado, quando na realidade seria mais eficaz a equidade, igualdade de oportunidades para que os jovens não precisassem conviver com a desigualdade.

Sobre o objetivo II: Discutir sobre os desafios e consequências da inserção precoce do jovem no trabalho, destacamos que ao falar sobre a entrada precoce dos jovens no mercado de trabalho é preciso levar em consideração as diferentes juventudes e suas realidades. Fischer et al. (2007) fala sobre as consequências da entrada precoce no mercado de trabalho:

O trabalho precoce, geralmente, promove efeitos negativos no desenvolvimento físico e educacional, impedindo o jovem de dedicar-se a atividades extracurriculares, como atividades lúdicas e sociais próprias da idade, trazendo isolamento dos jovens entre seus pares e familiares, bem como sendo responsável pelo atraso escolar. (FISCHER et al., 2007, p. 974).

O jovem passa a deixar o seu bem-estar de lado para dedicar-se apenas ao trabalho, ignorando suas necessidades humanas, de lazer, de relações sociais e culturais. No ambiente escolar podemos presenciar as diferenças sociais, culturais e econômicas dos alunos, com isso podemos também observar como desigualdade social que é muito presente em nosso país, atua sobre esses jovens. Como afirma Corrochano (2014):

Para uns, o tempo no Ensino Médio é vivido como etapa de formação e preparação para o acesso à universidade, ficando o trabalho como um projeto para depois da conclusão do Ensino Superior. Porém, para a maior parte daqueles que tiveram acesso a esse nível de ensino nas duas últimas décadas, a realidade de trabalho, de bicos ou de um constante *se virar para ganhar a vida* combinam-se às suas vidas de estudantes. (CORROCHANO, 2014, p. 206).

A realidade desses jovens é bastante dura, visto que muitas vezes deixam os estudos e sua formação escolar em segundo plano, para poderem contribuir com a renda familiar para sobreviver e podem acabar se submetendo à condições precarizadas como afirmam Melsert e Bock (2015):

Os jovens mais pobres ingressam mais cedo no mercado de trabalho, em condições geralmente precarizadas, e também abandonam os estudos mais cedo quando comparados aos jovens das camadas mais ricas. (MELSERT E BOCK, 2015, p. 776)

Enquanto muitos estão incluídos no mercado de trabalho remunerado outros participam de trabalhos domésticos, como afirma (CORROCHANO, 2014, p. 209) que na “vida de muitas jovens mulheres, especialmente as negras ou as pertencentes às camadas de mais baixa renda, o trabalho doméstico e o trabalho de cuidadora são uma realidade desde muito cedo.” Enquanto os demais membros da família vão trabalhar, as mulheres que já possuem o peso histórico e cultural de cuidar da casa, irmãos e filhos, ficam no lar para ajudar a família cuidando dos afazeres domésticos e cuidando dos membros mais novos.

É importante dizer que mesmo esse trabalho ocorrendo em um horário diferente do escolar os jovens são frequentemente tomados pelo cansaço de estarem trabalhando duro e ainda tendo que se dedicar aos estudos para (FISCHER et al. APUD ANDRADE E CARSKADON. p. 974) “o sono dos adolescentes fica prejudicado devido aos horários de entrada na escola e à fadiga causada pelo trabalho, além de aumentar os riscos de acidentes decorrentes da sonolência durante o trabalho.” Ou seja além do cansaço o cenário ainda pode evoluir para algo mais direto e grave como um acidente no local de trabalho. Segundo Sousa e Alberto (2008):

[...] abordar a problemática sobre o trabalho precoce leva a questionar a garantia dos direitos básicos do cidadão criança e do cidadão adolescente, os quais, na condição de sujeitos de direitos, dispõem de um aparato legal que estabelece medidas de proteção específicas em reconhecimento às peculiaridades da fase evolutiva em que se encontram. (SOUSA E ALBERTO, 2008, p. 714)

Com a entrada precoce no trabalho o jovem muitas vezes não percebe que está sendo explorado, pois a vantagem de estar empregado é bem melhor visto a situação em que se está inserido.

Sobre o objetivo III: Explanar as implicações da relação juventude e trabalho para a evasão escolar, temos a dizer que as desigualdades condicionam jovens pobres à entrada precoce no mercado do trabalho e implica na evasão escolar, além do cansaço, educação

precária e a busca da independência e realização pessoal. Em uma sociedade capitalista é necessário deter o capital para adquirir os bens de consumo. Nesse contexto os jovens pobres tomam atitudes para buscar a mudança da realidade.

No contexto hegemônico do capitalismo neoliberal, a juventude tem que se colocar diante de questões complexas (enjeux): trabalhar e/ou estudar, morar na casa dos pais ou ter a sua própria casa, entrar numa gangue ou num grupo religioso, morar junto com alguém ou morar só, estar empregado ou autônomo, migrar ou ficar no território conhecido, definir sua vida profissional entre varias carreiras. (FALEIROS, 2008, p. 65-66)

É nesse sistema desigual que a sociedade brasileira está estruturada, em meio a estereótipos, descaso, concentração de renda que a relação entre juventude e trabalho é condicionada. Os jovens pobres não têm escolha a não ser a entrada precoce no trabalho abandonando os estudos. Faleiros (2008) destaca que:

O pressuposto fundamental para se entender a questão da relação entre juventude, escola, trabalho e sociedade é de que as condições e trajetórias do jovem se articulam à desigual estruturação econômica, social e política historicamente dada como capitais sócio/ político/econômico/ culturais. (FALEIROS, 2008, p. 65)

Diante disso, a resposta à problemática inicial é que relação entre juventude e trabalho implica na evasão escolar ao passo que os sujeitos das classes baixas dispõem de poucos subsídios para viver de forma plena, e na tentativa de mudar sua realidade abandonam os estudos para ingressar precocemente no mercado de trabalho. Há também a falta de interesse por um ensino precário sem motivação, e podem optar por se evadirem da escola pelo cansaço da rotina de trabalho e estudo e conflitos familiares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, conforme a perspectiva de juventude enquanto construção social e histórica, compreendemos que não existe uma juventude universal, as mesmas são oriundas das transformações e influências do meio em que estão inseridas. Em relação aos três tipos de juventude destacadas na discussão é perceptível a disparidade social conforme o contexto em que estão inseridas refletindo na sua trajetória e na entrada na vida adulta com as novas responsabilidades e cobranças sociais.

Dessa forma, a juventude pobre e negra são as mais afetadas por preconceitos, a primeira por estereótipos enraizados na sociedade que geram discriminação à população negra desde a escravidão, a juventude negra em sua maioria tem renda baixa, desse modo, sofrem além do racismo o preconceito social, há também os jovens brancos de baixa renda. Ambos se

inserir no mercado de trabalho precocemente. Nesse contexto, essas duas juventudes encontram desafios por causa da falta de subsídios para concorrer com as classes mais abastadas na busca por estudo e empregos de qualidade. E conseqüentemente se evadem das escolas na maioria dos casos para procurar uma mudança de realidade. Em contraste a essas realidades, a juventude rica tem uma renda alta e conseqüentemente uma melhor formação, assim, as oportunidades e privilégios para a juventude rica são bem maiores.

É também preciso destacar que os contrastes sociais da sociedade brasileira decorrem do sistema capitalista na qual está estruturada. Diante disso, compreendemos que a evasão escolar pode ser minimizada com o uso de metodologias que propiciem um despertar do desejo de estudar, e também políticas públicas que assegurem a permanência dos estudantes na escola.

## REFERÊNCIAS

ALBONORZ, Suzana. **O que é trabalho?**. Editora brasileira. 2004

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, n° 24, p.40-52. Set -Dez 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>, Acesso em: 02/08/2021

DESLANDES, S.F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Vozes, Petrópolis, Rj, 2007

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho?, in: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo (org.) **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Editora UFMG, p. 206-228, Belo Horizonte, 2014

FALEIROS, Vicente de Paula. **Juventude: trabalho, escola e desigualdade**. Educação & Realidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 33, n. 2, p. 63-82, Porto Alegre, 2008

FISCHER, Frida Marina. OLIVEIRA, Denise Cristina. TEIXEIRA, Liliane Reis. TEIXEIRA, Maria Cristina Trigueiro Veloz. AMARAL, Mariana Almeida. **Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes**. 05 Jun. 2007

FREITAS, Maria Virgínia. **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. Ação educativa, São Paulo, 2005

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. Editora Atlas, São Paulo, 2002

MELSERT, Ana Luísa de M.; BOCK, Ana Mercedes B. **Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres**. Educ. Pesqui., São Paulo. V.41, n. 3, p.773-790, 2015

NEVES, Diana Rebello et al. **Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library**. Cad. EBAPÉ.BR, v. 16, n° 2, Rio de Janeiro, Abr./Jun. 2018.

QUIROGA, A. M. **Prefácio**. In R. Alvim, T. Queiroz & E. F. Júnior. (Orgs.), *Jovens & juventudes* (pp. 15-20). João Pessoa: Editora Universitária PPGS/UFPB. 2005

RAIMUNDO, Valdencie José. **A violência no cotidiano da juventude negra: um olhar sobre a questão**. *Temporais*, n.27, p. 119-138, jan./jun., Brasília, 2014

SOUSA et al., Antonia de Abreu. **Evasão Escolar no Ensino Médio: velhos ou novos dilemas?**. *Vértices*, Campo dos Goytacazes/RJ. V. 13, n. 1, p. 25-37, jan./abr. 2011

SOUSA , Olívia Maria Costa Grangeiro. ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. **Trabalho Precoce e Processo de Escolarização de Crianças e Adolescentes**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 713-722, out./dez. 2008

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. 1990.